



“Bate-bola” com Gramsci: possíveis aplicações de conceitos gramscianos no estudo sobre o futebol.

Elis da Silva Oliveira<sup>1</sup>

## INTRODUÇÃO

Antes de efetivamente iniciar esta apresentação, na qual realizo em tom de ensaio alguns apontamentos sobre os estudos e as relações de poder em torno do futebol brasileiro e possíveis apropriações de conceitos gramscianos, considero importante pontuar que, ao falar de futebol, falo a partir da perspectiva dele como um esporte e, portanto, formado por clubes, federações, atletas e um conjunto de normatizações, tendo como recorte temporal, a perspectiva dele como um esporte moderno (trazendo a definição de esporte moderno em Bourdieu [2003]) enfatizado especialmente em meados do século XIX e ao longo do século XX.

Ao longo de meus estudos sobre o tema pude observar que o futebol já não é um objeto de estudo tão “outsider” (fora dos temas recorrentes dos estudos acadêmicos), tendo no contexto da historiografia brasileira pelo menos 30 anos de pesquisas consistentes e relevantes. Entretanto, em seu processo de consolidação observo que no conjunto de referências e literaturas sobre o tema uma relativa fragilidade teórica sobre os conceitos e contextos no qual o futebol se insere, notadamente considerando o cenário das reflexões junto ao materialismo histórico e dialético.

Isso não significa dizer, e jamais teria essa pretensão, em afirmar que o que foi produzido até hoje é teoricamente superficial. Diria apenas que, para reflexões que visam pensar a sociedade e apresentar caminhos para transformações, apontando as contradições sociais e a disputa entre os grupos, talvez seja necessário apresentar um caminho teórico mais delimitado visando responder uma simples pergunta: o que é futebol brasileiro? E antes disso, por que pensar o futebol a luz do materialismo histórico e com base nos conceitos e considerações de Antônio Gramsci?

---

<sup>1</sup> Mestra em História e Estudos Culturais (UNIR). Professora do Instituto Laura Vicuna (Porto Velho –RO). Pesquisadora do grupo de pesquisa Jurupari (UNIR). Email: elisoliveiraa@gmail.com

## ALGUNS APONTAMENTOS SOBRE A HISTÓRIA DO FUTEBOL

Na qualidade de esporte moderno, o futebol tem sua origem nas *public schools* inglesas no início do século XIX. Nas considerações de Bourdieu (2003), o futebol moderno é uma manifestação vinculado ao *ethos* da sociedade burguesa. Os princípios de culto ao corpo, sociabilidade, respeito à norma e a disciplina estão vinculados a origem do futebol e compõe, junto de outras modalidades, a noção de *mens sano in corpore sana*.

E se o futebol surge como um elemento da cultura moderna, ele se difunde inicialmente pela força neocolonial e imperialista das potências europeias, notadamente a Inglaterra (HOBSBAWM, 2012), onde no final do século XIX este esporte navega pelos oceanos e chega aos mais diversos locais, países e culturas, integrando-se a elas ao longo do século XX.

Entretanto, o que poderia parecer suscitar que o futebol foi um elemento de dominação cultural inglesa sobre o mundo (lembrando o papel de importância que o futebol alcançou ao longo do tempo), acaba se tornando apenas uma das etapas da difusão e apropriação da prática desta modalidade esportiva e lúdica nas regiões do planeta.

Além disso, se o futebol (ainda *football*) surge na Inglaterra, isso não significa dizer que a hegemonia britânica sobre ele se materializou ao longo de toda sua trajetória. Ao contrário, especialmente quando se observa o controle da prática, é vital considerar a disputa (ainda no início do século XX) entre as instituições criadas para regimentar e controlar o futebol. A *Football Association*, fundada na Inglaterra teve sua soberania questionada pelos países franco-suíços a partir da fundação, em 1904, da FIFA.

A FIFA, localizada na Suíça, acabou a hegemonia inglesa sobre o controle do futebol e o processo real de difusão do esporte se tornou muito mais um resultado da própria organização interna do futebol do que se justificando pela posição imperialista inglesa. Embora tal hipótese não possa ser de todo desconsiderada, é necessário perceber que em torno do futebol houve (e ainda há) um conjunto significativo, profundo e complexo de organizações e sentidos sobre a prática que o tornam um dos, senão o maior esporte da contemporaneidade.

Uma única explicação não é capaz de justificar as variadas e por vezes antagônicas relações construídas a partir e dentro dos campos de futebol. Entretanto, é importante dar sentidos para estas relações, pensando-as de forma integrada com a sociedade em suas diversas dimensões (política, econômica e sociocultural). As histórias do futebol podem nos auxiliar a não apenas o compreender como ainda ampliar o entendimento sobre o contexto no qual este esporte se insere.

E mais do que isso, como pensar as disputas não apenas externas, ampliando o entendimento dos arranjos internos do jogo que não apenas refletem como ainda dão novas tonalidades para as relações e interações em sociedade, especialmente no contexto brasileiro?

## O FUTEBOL NO BRASIL

Ainda no final do século XIX, o futebol chegava em terras brasileiras. Praticado pelos trabalhadores britânicos que migraram para o país, especialmente no ambiente urbano, o futebol foi introduzido, de fato e na condição de esporte, na cultura brasileira a partir das classes dominantes locais e nacionais.

A partir de uma intensa relação entre contexto local com a perspectiva geral, o momento de euforia vivenciado na Europa no final do século XIX (*Belle Époque*) se materializou no contexto brasileiro a partir das incursões e intercâmbios dos jovens das famílias mais abastadas nas regiões da Europa Ocidental.

Charles Miller (em São Paulo) e Oscar Cox (Rio de Janeiro) foram responsáveis por construir em solo brasileiro os ânimos iniciais para a apropriação da prática do futebol brasileiro. Embora não caiba aqui discutir o mito de origem da prática no Brasil, é vital o papel desempenhado pelos jovens das elites regionais no sentido em que foram eles os responsáveis por criar dentro dos clubes esportivos a busca pela prática do futebol e, no caso de Oscar Cox a fundação de clubes voltados diretamente para a prática esportiva do futebol.

Nas duas primeiras décadas do século XX houve a criação de diversos clubes de futebol, estes sendo responsáveis por difundir ao longo dos demais centros urbanos brasileiros, enfatizando a importância e a distinção social em praticar o futebol. Cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Velho, Santos, Curitiba, Manaus, Belém, entre outras.

Entretanto, na condição de grupo dirigente da prática do futebol, os “clubes de elite” ao passo em que difundiam a prática esportiva desta modalidade, também foram responsáveis por limitá-la e cercear a presença dos setores menos abastados da sociedade brasileira tanto nos clubes quanto nos campos de futebol. O futebol amador brasileiro foi marcado por uma forte estratégia de manter o *football* como um símbolo da “alta cultura” e da distinção social e cultural dos setores mais ricos.

A limitação da prática do futebol em torno dos “clubes de elite” se fazia em uma profunda teia organizacional que vinculada a prática esportiva (ou seja, a prática oficial e regulamentada) onde atletas, clubes e federações mantinham regras claramente e discriminatórias. A critério de exemplo, o regimento da maior parte dos clubes exigia o pagamento de joia e mensalidade (ambas com quantias altas e que inviabilizavam a participação dos setores menos abastados) e ainda, em meados dos anos de 1920, houve a proibição direta de jogadores que realizassem “serviços braçais”, limitando o esporte apenas aos *sportmens*, atletas amadores e ricos que tinham o futebol como um local de enaltecimento de classe, cultura e poder.

A situação começa a se modificar ainda nos anos de 1920, posto que quanto mais enfática se torna a proibição da prática dos atletas mais pobres e dos clubes de várzea e de fábrica, maior se torna a busca destes últimos em se organizar internamente e ampliar o acesso ao esporte. E no decorrer dos anos, o esporte que seria introduzido em solo nacional pelos setores dominantes, é apropriado pelos grupos menos abastados.

O vigor físico e as inovações no estilo de jogo proporcionado pelos atletas menos abastados, acabou construindo uma profunda discussão dentro dos setores dirigentes da prática do futebol e culminou, da década de 1930 em uma transformação significativa nos sentidos e rumos da prática do futebol no Brasil, construindo a futura paixão nacional.

Desta forma, em torno do futebol é possível observar a trajetória de disputas na sociedade brasileira, considerando as relações de dominação e de contradição entre classes, clubes e organizações da sociedade civil. Entretanto, cabe o questionamento: como pensar o futebol de forma que seja possível, teoricamente e no nível conceitual, dar sentidos entre as lógicas e dinâmicas e das relações de poder no/do futebol e as perspectivas de análise da sociedade?

## GRAMSCI E O FUTEBOL

Em 1918, o pensador italiano Antônio Gramsci, ao pensar o futebol, apresenta-o em contraposição ao jogo de baralho, pensando a partida de futebol como referência para pensar o modelo de sociedade capitalista e individualista. Embora não de forma aparentemente consciente, ainda no início do século Gramsci viu a possibilidade em pensar o futebol como espaço para pensar importantes aspectos da vida social no século XX.

Afinal, se para Gramsci em 1918 o futebol seria uma forma de pensar a sociedade individualista e organizada, com respeito à norma e a lei e tendo no baralho seu oposto, de que forma é possível pensar no século XXI a trajetória do futebol e os caminhos e descaminhos construídos a partir dos embates e narrativas sobre este esporte, focalizando tanto os aspectos externos como ainda as lógicas e o universo interno deste jogo de bola? E ainda, como a partir disto é possível construir relações com a sociedade na qual ele é praticado e, notadamente, considerar as diversas e por vezes antagônicas relações de classe no contexto ampliado de interação entre os segmentos da sociedade civil?

O estudo da cultura (seja no viés esportivos e do jogo) é apresentada por Gramsci como instrumento para pensar criticamente a sociedade (buscando transformá-la), onde “até mesmo nestas atividades marginais dos homens se reflete a estrutura econômico-política dos Estados” (GRAMSCI, 2004, p. 210). A esta reflexão gramsciana, não se propõe, assim penso, uma mera reprodução em nível superestrutural em relação à base, e sim uma profunda e intrínseca relação entre os elementos do bloco histórico. E é no âmbito da política e da vida cotidiana, da cultura, em que as relações e as interações sociais se constituem, disputam e se transformam. É em torno das práticas culturais é possível compreender relevantes aspectos das relações materiais de vida. (WILLIAMS, 2011).

E de certa maneira, o exercício ao qual me proponho aqui tem duas frentes: pensar o futebol e refletir sobre o que tem sido produzido pelo futebol, e parto do segundo para alcançar o primeiro. Dentro do conjunto de textos produzidos sobre o tema, considero possível estabelecer alguns eixos regulares sobre a pesquisa da história do futebol, sendo eles:

- Futebol e distinção social (1900 a meados de 1930)
- Futebol e identidade (clube, bairro, cidade, nação) (1930 aos dias atuais)
- Futebol e globalização (1980 aos dias atuais)

Dentro destes eixos, alguns temas transversais acabam se destacando, como: gênero, Estado, megaeventos, amadorismo e profissionalização, popularização, gestão do futebol.

Dito isso, considero que a maioria dos estudos sobre futebol no Brasil são norteados por uma descrição do jogo e análise dos diversos discursos produzidos por meio do futebol. O que tem sua importância, e onde minha pesquisa de monografia e dissertação se insere. Entretanto, sentia algumas angústias ao pensar a história do futebol brasileiro, especialmente em seu contexto de permanências. A partir dos discursos se apresentou um conjunto de transformações consideráveis na forma de se jogar o futebol, porém algumas lacunas eram evidentes. Por exemplo, no contexto do futebol e distinção social eu li em muitos textos a afirmação de que a “elite” não permitia que pessoas negras e menos abastadas praticassem o jogo dentro dos clubes oficiais. Ok. Mas quem seria a elite? Por que ela fazia isso? Como? E como os grupos subalternos reagiu (ou não) a isso? A descrição do futebol não dava conta de reconstruir o conjunto das complexas relações de poder sob a bola.

Ao falar sobre o quanto mais eu estudo os apontamentos e reflexões de Gramsci (1982, 2000, 2001, 2004), mais eu observo a necessidade em compreender quem eram estes grupos, seja lá quais nomes eu desse a eles (elite, classe dominante), e compreender seus anseios. Com o conceito de hegemonia nos termos apresentados e discutidos por Gramsci, pude observar que a classe dirigente do futebol no Brasil (e digo isso pois havia uma considerável regularidade na relação de apropriação do futebol como elemento de distinção social no início do século XX), apropriava-se do futebol como forma de legitimar sua visão de mundo e por meio da cultura estabelecer suas vontades e ampliar suas relações de poder, convencendo e dominando os demais.

Após isso, o desafio deveria mapear quem fazia parte deste seletivo grupo, partindo de um agrupamento mínimo, que pude observar a partir das diretorias dos clubes (o que chamo de “donos da bola”). Logicamente, para cada cidade existem divisões internas e grupos diferenciados, entretanto, usando como exemplo a estrutura administrativa dos clubes e federações do Rio de Janeiro, é possível observar a emergência dos setores médios urbanos, jornalistas, empresários e industriais no controle da prática do futebol.

Ao fazer isso, parti para um próximo ponto, a disputa pelos discursos. A princípio, acreditava que a hegemonia estaria no discurso, seria a classe dirigente aquela que defendesse

o discurso “hegemônico”. Entretanto, neste contexto se materializaram novas problemáticas. Ao buscar reconhecer os diversos embates no âmbito do discurso, achava que para cada discurso havia um grupo defensor e outros contrários, entretanto ao analisar a transformação dos discursos dominantes, constatei que, embora alguns personagens se alterassem, a estrutura de controle do futebol (as regras que ditariam quem seriam os donos da bola) continuavam as mesmas (ou quase as mesmas). Os discursos mudavam, mas a direção e as relações de poder no futebol se mantinham e se concentravam nas mãos dos cartolas, dos sócios, de dirigentes eleitos por um seletivo grupo (o que só aumentava a exclusão, posto que especialmente a partir da década de 1940 a popularização do futebol tomou caminhos gigantescos no Brasil todo, torcidas que amavam seus clubes, mas que não podiam, e não podem eleger aqueles que o controlam).<sup>2</sup>

Aqui, então, duas divisões são básicas para entender o futebol: a prática do jogo e o controle da prática do jogo. Enquanto a maior parte das narrativas se voltam a analisar as práticas do jogo, as relações de poder que controlam essa prática ainda ficam nebulosas e pouco aprofundadas. Os discursos, como a cereja de um bolo ganham um grande destaque nos estudos sobre o futebol, porém a estrutura de controle do jogo permanece arcaica (e não apenas no Brasil).

O papel dos intelectuais (orgânicos ou tradicionais) e as relações entre sociedade civil e sociedade política a partir do futebol ainda não tem sido diretamente abordadas, ao menos não dentro do contexto acadêmico. Alguns jornalistas em tom de denúncia acusam as escusas relações entre Estado e organizações civis e privadas, para muitos há uma confusão quase que naturalizada em confundir a CBF como organismo público do Estado. E isso não é “à toa”. Falam do futebol, sem falar diretamente e enfaticamente de quem manda no futebol.

A estrutura dos clubes, embora tenha sofrido alterações em meados de 1930 no sentido da profissionalização dos atletas, não afetou a estrutura dos sócios (um seletivo grupo a conduzir os rumos dos clubes). Desde 1904 o futebol mundial tem um mesmo grupo controlador (a FIFA) – tal hegemonia pareceu ser questionada pela denúncia do FBI em

---

<sup>2</sup> Mario Filho possuía uma grande rede de sociabilidade, construindo uma estreita relação com importantes figuras das classes dominantes carioca, tanto no que se diz respeito a estrutura clubista do futebol como ainda dos grandes jornais (O Globo). De acordo com Antunes (2004), entre os amigos de Mario Filho estavam José Bastos Padilha (presidente do Flamengo durante a década de 1930), Arnaldo Guinle (presidente da CBD ao longo dos anos de 1920), José Lins do Rego e Roberto Marinho.

relação a um grande esquema de corrupção, lavagem de dinheiro envolvendo os grandes cartolas e dirigentes do futebol mundial. Entretanto, a estrutura continua firme. Pouco abalada.

Voltando a focar no futebol brasileiro, o caso do Flamengo é sintomático para pensar a questão:

“Até os dias atuais, por exemplo, o Clube de Regatas do Flamengo mantém uma estrutura altamente rígida para a formação de sua diretoria. Num rápido resumo, para votar na eleição de escolha do corpo dirigente é necessário ser sócio do clube (ou seja, pagar quantias anuais ao clube) e para se candidatar é necessário ainda ser sócio por um período mínimo de dois anos (no caso de sócio proprietário) ou três anos (demais categorias). E para ocupar o cargo de presidente e vice-presidente se faz necessário ter uma idade mínima de 35 anos e ainda ser sócio proprietário (ou seja, pagar uma elevada quantia anual ao clube e adquirindo títulos do clube). Além disso, a categoria socio-torcedor apenas garante promoções diferenciadas aos torcedores no ato de compra dos produtos do clube. De tal forma, embora o Flamengo seja na atualidade um dos clubes do Brasil com maior número de torcida, o acesso à diretoria e gestão do clube é altamente elitizado na figura dos sócios proprietários, e para votar é ainda necessário, no mínimo, ser sócio contribuinte. Com isso, o ato de torcer e jogar no clube não equivale a ter direito de controlar ou direcionar quem irá compor a diretoria do mesmo.” (OLIVEIRA, 2016, nota de rodapé 13, p. 97)

Se os discursos sobre o futebol passaram por mudanças diversas, o mesmo não pode ser dito em função da gestão e da divisão administrativa dos clubes, das federações e confederações, pensando estas relações em uma perspectiva de estado ampliado, hegemonia e principalmente os modos de relação e interação entre os segmentos da sociedade civil em suas estruturas de poder.

Além disso, no contexto da gestão do futebol brasileiro, de um modo geral, os pontos comuns e convergentes na forma de pensar os modelos de gerenciamento dos clubes propunham a condenação da “gestão amadora” do futebol brasileiro recorrente até os dias atuais e a necessidade em “profissionalizar” a gestão e lidar o clube como uma empresa e buscar melhorias na sua estrutura, vendo como um caminho necessário compreender a gestão do futebol como um negócio.

Mas seja o futebol como um clube social (de poucos sócios) ou uma empresa (de poucos acionistas), de que forma o controle da prática efetivamente se altera? Para isso se faria necessário não apenas trocar um por outro, mas refletir as relações de poder que se constituem a nestes espaços.

Talvez, refletindo sobre o meu papel como alguém que estuda e pesquisa sobre o futebol, vejo que consideráveis textos e estudos sobre este esporte acabam reforçando mais do mesmo, tocam nos discursos, mas não atingem a estrutura de poder. Entorpecem e direcionam as reflexões para objetos e não em pessoas, veem os clubes e o jogo, os sistemas táticos, as normas, mas não observam os usos e desusos políticos e econômicos da prática.

O que é o futebol brasileiro, afinal? O futebol é um dos, senão o esporte mais amado no mundo. Porém, amamos o futebol, consumimos (na condição de torcedores) e investimos no futebol, elogiamos, criticamos atletas, técnicos, mas pouco sabemos sobre os dirigentes, sobre os sócios. Clubes que possuem milhões de torcedores tem em seus quadros não mais que 15 mil sócios (a exemplo do Flamengo, Corinthians, Vasco da Gama, Botafogo, Fluminense, São Paulo, Palmeiras) aptos a votarem (lembrando que cada clube tem uma estrutura interna de eleição e escolha de suas diretorias). De um modo geral, não votamos, não elegemos. Não reconhecemos. Sabemos os nomes dos presidentes das federações estaduais? Do presidente em exercício da CBF? Da Comebol? Da Fifa? Sabemos como eles são eleitos? A paixão mundial é controlada por um diminuto grupo. E se nem sabemos quem são e como atuam, como transformar essa estrutura que a mais de 50 anos está consolidada?

Gramsci precisa ser escalado nesta partida, e entendendo a cultura como um espaço de luta, a análise sobre o futebol precisa do materialismo histórico, caso contrário, falaremos sobre a cerejas do bolo, um bolo do qual jamais poderemos efetivamente compartilhar nem tampouco saber com o que é feito, sem ao menos que se observe quem, de fato, lucra com a festa.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. Como se pode ser desportista?. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Lisboa: Edições Sociedade Unipessoal, 2003.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1982

\_\_\_\_\_. **Cadernos do Cárcere**. Volume 3: Maquiavel. Notas sobre o Estado e a política. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2000.

\_\_\_\_\_. **Cadernos do cárcere** Volume 2: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Escritos políticos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

HOBBSBAM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa, 1870 a 1914. In: \_\_\_\_\_; RANGER, Terence. (orgs). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OLIVEIRA, Elis da Silva. **Amazônia de chuteiras**: relações entre a prática do futebol amazônico e o discurso nacionalista entre os anos de 1930-1945. Dissertação de mestrado. Pós-Graduação Mestrado em História e Estudos Culturais. Fundação Universidade Federal de Rondônia, 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011